



7 de abril de 1981

10º aniversário da morte da camarada
Josina Machel
símbolo da mulher moçambicana combatente



**Mulher moçambicana: cumprir as metas de produção
é garantir o sucesso da luta contra o subdesenvolvimento.
Participemos activamente na defesa da nossa Pátria Socialista!**

7 de Abril de 1981

10.º Aniversário da Morte da Camarada

Josina Machel

Simbolo da Mulher Moçambicana Combatente

SECRETARIADO NACIONAL
DA OMM

EDIÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO E DO DISCO

PREFÁCIO

JOSINA MACHEL tem a memória perpetuada no nosso País por aqueles por quem lutou e deu a vida.

As canções que lhe são dedicadas multiplicam-se do Rovuma ao Maputo e são a mais viva prova de que o trabalho que executou, o exemplo que deu, a coragem de que deu provas e os ideais pelos quais lutou, entraram fundo no coração do Povo.

No momento em que desenvolve a sua mais intensa actividade e luta pela libertação da Pátria, estava bem presente nas mulheres a semente nefasta do tradicionalismo, da servidão passiva.

Imperava a mulher dos ritos de iniciação, a mulher que se sentia dignificada com o lobolo, a mulher espectadora dos acontecimentos sociais, a mulher de universo atrofiado e fatalista. O trabalho que JOSINA MACHEL realiza junto das suas camaradas esbarra, naturalmente, com esta mentalidade tradicional, mas sai triunfante porque é correcta a sua linha de pensamento que é, afinal, a linha de pensamento defendida pela vanguarda da Frente de Libertação de Moçambique de que ela é componente.



Mas não é apenas a lucidez política que caracteriza a personalidade de JOSINA MACHEL. Ela foi uma pessoa humilde, uma pessoa que soube sentar-se no chão da povoação para dialogar com as mulheres camponesas, uma mulher que soube ensinar a verdadeira camaradagem entre homens e mulheres, uma mulher carinhosa para com as crianças. A ideia de criar um centro infantil para os filhos dos combatentes falecidos ou tornados inválidos nos combates foi de JOSINA MACHEL. Ela viveu, até ao âmagô, a dureza da guerra.

A sua coragem foi uma marca constante da sua vida.

Já quando estudante na então Lourenço Marques, participou na distribuição dos primeiros panfletos da Frente de Libertação de Moçambique, apesar de ter já sido detida pela PIDE. No campo de batalha ela pôs sempre em primeiro plano a tarefa principal.

Chorada pelos combatentes, chorada por aqueles a quem tinha incutido um novo horizonte de vida, chorada por todo o Povo, JOSINA MACHEL é um farol que ilumina os caminhos da Revolução Moçambicana. Ela é o exemplo sempre vivo da rota que leva à libertação da mulher. É, sobretudo, um exemplo para a juventude, por quanto JOSINA MACHEL, que morreu aos 25 anos, era acima de tudo uma jovem lúcida comprometida com os grandes ideais patrióticos, um exemplo para a juventude progressista do mundo inteiro.

Recordar e celebrar a memória de JOSINA MACHEL é um dever de militância, uma obrigação de engajamento na tarefa — porque é uma tarefa — da libertação da mulher, um dever de gratidão por aquela que deu a sua vida para que todos nós pudéssemos hoje ter uma Pátria. Recordar JOSINA MACHEL é prestar homenagem a todas as mulheres que se sacrificaram pela causa da liberdade no nosso País, e, recordando-a, também prestamos homenagem a todas as mulheres do mundo que lutam e sofrem nas garras do colonialismo e do imperialismo.

Ao comemorarmos este ano o 10.º Aniversário da Morte da Camarada JOSINA MACHEL, nós, mulheres Moçambicanas, reafirmamos a nossa determinação em participar activa e organizadamente nas grandiosas tarefas da década da vitória sobre o subdesenvolvimento.

Sob a Direcção do Partido FRELIMO, lado a lado com o nosso

companheiro de luta, venceremos a Batalha da Produção; venceremos a Batalha contra o Inimigo Interno e Externo, venceremos toda e qualquer agressão imperialista.

A LUTA CONTINUA!

VIVA O PARTIDO FRELIMO!

**VIVA A MEMÓRIA INESQUECÍVEL DA CAMARADA
JOSINA MACHEL!**

**ORGANIZAÇÃO DA MULHER MOÇAMBICANA
ABRIL DE 1981**

BIOGRAFIA DA CAMARADA JOSINA ABIATAR MACHEL

JOSINA ABIATAR MACHEL, nasceu em 10 de Agosto de 1945, na Província de Inhambane, onde os seus pais se encontravam em serviço.

A sua família, Muthemba, é muito rica em tradições patrióticas. Muitos dos seus antepassados participaram activamente nas guerras de resistência contra o colonialismo. O seu tio MATEUS SANSÃO MUTHEMBA, assassinado em 1968 pelos reaccionários infiltrados na FRELIMO, foi membro do Comité Central da *Frente de Libertação de Moçambique*, um organizador activo das células clandestinas no sul do País. Seu pai e muitos outros membros da sua família, sofreram nas prisões da PIDE pelas suas posições firmes contra o colonial-fascismo português.

Assim, desde muito cedo, JOSINA foi educada num espírito de patriotismo e ódio ao colonialismo e à opressão.

Começou o ensino primário na ex-Porto Amélia — actual cidade de Pemba — e mais tarde foi para Manica e Sofala, acompanhando as transferências a que os seus pais eram submetidos.

Em 1956, foi para Lourenço Marques tendo-se matriculado no Ensino Comercial, que frequentou até ao 4.º ano. Durante o seu tempo de estudante, engajou-se em actividades políticas clandestinas, mobilizando a juventude moçambicana para a luta contra o colonialismo português.

A Camarada JOSINA MACHEL foi um membro activo do Núcleo dos Estudantes Secundários Africano de Moçambique (NESAM), organização estudantil e de luta política de que foram membros e dirigentes muitos heróis da nossa luta de Libertação Nacional.

Depois da criação da Frente de Libertação de Moçambique, a Camarada JOSINA MACHEL integrou-se numa das células clandestinas,



no seio da qual realizou um intenso trabalho de mobilização, tendo continuado a sua tarefa de mobilização e organização dos jovens, estimulando-os a aderirem à FRELIMO.

Ela própria deu exemplo, pois em Abril de 1964, abandonando a família e os estudos, com um grupo de companheiros, saiu clandestinamente de Moçambique, com o destino a Tanganyika (hoje República Unida da Tanzania).

A PIDE teve informações sobre a fuga e com a colaboração dos Serviços Secretos da Rodésia do Sul, o grupo foi preso em Victoria Falls, deportado para Lourenço Marques e encarcerado.

Na cadeia, a Camarada JOSINA foi submetida a pressões e ameaças durante muitos meses. A PIDE manteve-a isolada dos outros presos políticos e até da própria família. Como esta tentativa tivesse fracassado a PIDE começou a aliciá-la com uma promessa de bolsa de estudos para Portugal. A Camarada JOSINA, animada pelo patriotismo e espírito revolucionário, não só resistiu heroicamente a todas as pressões e torturas da PIDE, como recusou a bolsa e manteve a sua decisão firme de se unir aos combatentes da FRELIMO.

Nos fins de 1964 a PIDE foi obrigada a libertar o grupo, sob pressão de uma intensa campanha internacional de solidariedade.

A Camarada JOSINA MACHEL continuou activamente no trabalho clandestino e, com vários outros companheiros, organizou uma nova fuga através da Suazilândia, em Março de 1965.

Enfrentando grandes dificuldades, conseguiu chegar a DAR-ES-SALAAM em 8 de Julho de 1965.

Em Agosto do mesmo ano foi enviada para Songuea, onde durante seis meses trabalhou com grupos de mulheres, realizando junto delas um trabalho de educação política.

Nesse período trabalhou também com outros grupos de mulheres no apoio e tratamento aos feridos de guerra, aos inválidos, às crianças. Em 1967, a Direcção da FRELIMO decidiu atribuir uma bolsa de estudos para que a Camarada JOSINA prosseguisse os estudos no exterior.

Revelando uma elevada consciência política e um alto espírito de sacrifício e de dedicação pela luta de libertação, e consciente de que

era mais necessária na luta directa contra os colonialistas portugueses que oprimiam o nosso povo, a Camarada JOSINA solicitou à Direcção da FRELIMO que lhe fosse permitido preparar-se para a guerra, realizando treino militar.

Em Julho de 1968 foi delegada ao II Congresso da Frente de Libertação de Moçambique, realizado em Matchedje, uma zona libertada no Niassa.

A sua participação no II Congresso foi bastante relevante, tendo contribuído para o triunfo da linha revolucionária da FRELIMO relativa à emancipação da Mulher, combatendo as ideias retrógradas dos reaccionários infiltrados na FRELIMO.

Deu também valiosas contribuições na discussão de outros problemas de fundo do II Congresso, nomeadamente na concepção revolucionária da guerra popular prolongada, contra os exploradores que pretendiam substituir-se aos exploradores coloniais portugueses.

Em Abril de 1969, a Direcção da FRELIMO encarregou a Camarada JOSINA MACHEL de dirigir a Secção de Assuntos Sociais da FRELIMO, tarefa que, tal como as outras de que foi incumbida, realizou com dedicação, com entusiasmo e com completo sucesso. Elas constituíram novas vitórias na nossa luta pela criação de uma nova sociedade.

Ao trabalho da Camarada JOSINA se deve a organização de infantários nas zonas libertadas, onde, com amor e carinho, transmitindo o seu entusiasmo e ardor revolucionário, criou condições para que as nossas crianças, nas zonas que o fogo libertador das nossas armas ia conquistando, tivessem uma educação de tipo novo, sã, colectiva, e se tornassem efectivamente continuadores da Revolução.

A ela se deve a organização de diversos centros infantários em Cabo Delgado e Niassa (a título de exemplo, os de M'Sawize-Mavago, no Niassa e o de Nangade, Palma, em Cabo Delgado).

Como organizadora incansável, com a preocupação permanente de contribuir para o sucesso da Luta Armada de Libertação Nacional, e mobilizar cada vez mais elementos da população para as tarefas da Luta, a Camarada JOSINA MACHEL distinguiu-se no seu trabalho no seio do Destacamento Feminino, na organização e desenvolvimento do Centro Educacional de Tunduru, na mobilização permanente e con-

séqüente da mulher para o combate pela sua emancipação, integrada na luta geral do nosso Povo pela Independência Nacional, pela liquidação da exploração e da opressão.

Em Agosto de 1969, a Direcção da FRELIMO designa a Camarada JOSINA MACHEL para uma nova responsabilidade: dirigir a Secção da Mulher, no Departamento das Relações Exteriores da FRELIMO. Nesta tarefa, a Camarada JOSINA MACHEL desenvolveu trabalho intenso junto de diversas organizações femininas nacionais e internacionais, explicando a razão de ser da luta de libertação do povo moçambicano, mobilizando a solidariedade internacional para com a nossa justa causa.

Em 4 de Maio de 1969, casou-se com o Camarada SAMORA MACHEL, Secretário do Departamento de Defesa da FRELIMO, que mais tarde seria eleito Presidente da FRELIMO.



O casamento, longe de afastar das tarefas revolucionárias, constituiu um estímulo para o prosseguimento impetuoso das tarefas que a revolução impunha.

Ao seu exemplo e dedicação de militante, acresce o seu exemplo de esposa terna, dedicada, companheira de luta, mãe carinhosa.

Em 28 de Dezembro de 1970 iniciou uma longa marcha na província do Niassa, para organizar infantários, centros sociais para os feridos de guerra e outros diminuídos físicos, desenvolver o trabalho do Destacamento Feminino.

Em Fevereiro de 1971 toma parte activa na II Conferência do Departamento de Defesa onde discutiu os obstáculos que se colocavam à integração da mulher na Revolução e propôs os métodos correctos para a efectiva participação da mulher na luta, via correcta para a sua emancipação.

Em Março parte para a Província de Cabo Delgado, com um programa idêntico ao que cumprira em Niassa. A sua saúde, já abalada, deteriora-se com os intensos esforços físicos que é obrigada a fazer. Como o estado de saúde exigisse cuidados médicos imediatos a Camarada JOSINA é evacuada para o exterior de Moçambique.

É internada no hospital de Dar-es-Salaam. Não resistindo à doença, vem a falecer na madrugada de 7 de Abril de 1971.

A Camarada JOSINA MACHEL, *símbolo da mulher moçambicana combatente*, morreu apenas com 25 anos. Pelo exemplo da sua vida, pela sua simplicidade e amor para com o povo, conquistou o amor e admiração de todos.

Apesar da doença, do sofrimento que sentia, nunca se recusou ao cumprimento das tarefas, a superar as dificuldades e desprezar o sacrifício. O seu comportamento comove e estimula os médicos e camaradas que a acompanharam.

Momentos antes de morrer, confiava a esses médicos e a essas camaradas as suas duas preocupações: a Revolução e a Família.

O desaparecimento brusco de JOSINA MACHEL foi um choque profundo para a mulher moçambicana e para todos os militantes revolucionários.

A luta da mulher moçambicana pela vitória da Revolução e pela sua emancipação, mantém e manterá sempre vivo e presente o exemplo da camarada JOSINA MACHEL, exemplo que ilumina o longo caminho que temos a percorrer na construção do Socialismo.



JOSINA

Era ainda madrugada quando tu partiste.
Não tivemos tempo de dizer-te adeus —
Partiste subitamente
Silenciosamente
Como uma estrela que se apaga.
Ninguém soube que partiste
Senão por uma arma que ficou sem dono,
uma criança que chorou na noite.
Era ainda madrugada quando tu partiste.

Chorar-te?
É ainda cedo para te chorarmos.
A ausência fere
em função do tempo
e da compreensão.
Ontem estavas connosco,
juntos construíamos o nosso mundo,
acarinhavas as crianças que a revolução
Colocou a teu cuidado.
Transportavas contigo
e espalhavas
o gesto e a flor
da liberdade.
Hoje já não estás
— não estás para sempre —
o que quer isto dizer?

Ah não serem as nossas mãos
martelos pesados
que batessem e rasgassem a terra
para tu saires!
A nossa razão conhece a tua ausência
mas o nosso coração
recusa-se a compreender
e a aceitar.
É ainda cedo para te chorarmos.

Aprenderemos nós a viver sem ti?
Quem nos dará as palavras certas
que curam e acalentam
nos nossos momentos
humanos
de hesitação e incerteza?
Quem ensinará ao mundo a força
a coragem e a graça
das mulheres da nossa terra?
Eras p'ra nós a pureza,
a irmã, a camarada,
a revolução feita certeza.
Quando partiste, a razão de ser
de muita coisa
deixou de ser tão clara ...
Mas escuta:
Quando a luta nos disser — Avante!
nós avançaremos.
Mas tu irás também.
Nas nossas marchas, nos combates,
nas escolas, nas machambas,
em todas as missões
tu estarás connosco.
A tua juventude
interrompida aos 25 anos
será eterna
inspirando-nos, encorajando-nos.

Não, não precisamos aprender
a viver sem ti.
Continuamos
contigo
a nossa luta.

Jorge Rebelo
Julho de 1971.

UM CANTO DE ESPERANÇA E TODAVIA DE LUTO

Para a Josina
uma lágrima
como uma bandeira ao vento.

I — Uma flor de sangue
assim,
de repente,
como a manhã que nasce,
violentamente
como a nuvem acontecendo em chuva
sobre a terra

DEIXASTE-NOS
EM HERANÇA
UMA FLOR DE SANGUE

E pesa sobre nós
a vermelha mensagem
com mais vento que o ciclone,
e dolorosamente,
com a tristeza de uma carícia antiga,
a recordação da tua graça,
a flor.

II — Porque canto a vida
Porque na terra
morre a semente
antes de se oferecer ao vento
a espiga

EU CANTO
NA MORTE
A VIDA

Porque no fogo e no martelo
se forja o informe pedaço de ferro
antes de ser na mão
enxada e lança
eu grito a vida
por cima da tua morte.

III — Agora

Guardamos o teu sacrificio
como uma exigência
de ainda mais nos darmos
e nos ombros de cada um
duas armas
querem criar
o cântico da liberdade.
em nós,
a força da tua juventude
e a coragem de ser.
Na mochila pronta para a marcha
que nos legaste,

FICOU MORTA A MORTE
PORQUE A MARCHA PROSSEGUE

em cada acto novo
de coragem.

E hoje, também,
continuar a luta
é continuar a vida,
é viver o teu exemplo.

Sérgio Vieira
(1971)

Artigo publicado na *Voz da Revolução* de Janeiro de 1970

O PAPEL DA MULHER NA REVOLUÇÃO

POR JOSINA MACHEL

Foi em Outubro de 1966, numa reunião do Comité Central, que a FRELIMO decidiu que a mulher moçambicana deve participar mais activamente na Luta de Libertação Nacional, em todos os níveis. Foi decidido que ela deveria receber treino político e militar, para ser capaz de desempenhar todas as tarefas exigidas pela revolução. Assim, poucos meses depois, nos princípios de Janeiro de 1967, o primeiro grupo de raparigas de Cabo Delgado e Niassa começaram o seu treino. A princípio tratava-se apenas de uma experiência, para ver até que ponto as mulheres seriam capazes de contribuir na revolução — como é que elas usariam a sua iniciativa, se seriam de facto capazes de desempenhar certas tarefas. A «experiência» alcançou grande sucesso, e essas raparigas desse primeiro grupo tornaram-se membros fundadores do Destacamento Feminino. Elas foram colocadas em vários lugares,

no interior do nosso País, cada uma com funções específicas. Em breve estava provado que elas eram capazes de desempenhar um papel muito importante na revolução, tanto no campo militar como político, mas principalmente neste último.

Uma das principais funções do Destacamento Feminino é, naturalmente, como acontece com as unidades militares compostas de homens, participarem nos combates. Em Moçambique, as actividades militares das mulheres estão, geralmente, juntamente com as milícias, concentradas na defesa das zonas libertadas. Desta maneira os homens ficam em parte libertos dessa tarefa de defesa, e podem concentrar-se na ofensiva, nas zonas de avanço. Contudo, há mulheres que preferem participar nos combates mais activos nas zonas de avanço, e lutam lado a lado com os homens nas emboscadas, operações de minas, etc. Elas provaram ser tão capazes e corajosas como os seus camaradas do sexo masculino. Num outro aspecto desta mesma função militar, temos também mulheres trabalhando no Departamento de Segurança, alerta contra a infiltração do inimigo.

Embora sejam muito eficientes no campo militar, a contribuição das mulheres tem ressaltado mais no campo político. Desde 1967, as mulheres têm demonstrado desempenharem um papel fundamental na mobilização e educação política do povo e dos guerrilheiros. Neste trabalho nós explicamos ao povo a necessidade de lutar, que tipo de luta estamos a travar, contra quem lutamos, quais as razões da nossa luta, os nossos objectivos, porque é que escolhemos a luta armada como o único caminho para a independência, quem são os nossos inimigos e quem são os nossos verdadeiros amigos, etc. Nós explicamos o trabalho que estamos a fazer, os resultados que já alcançamos. Explicámos também como até certo ponto dependemos da ajuda estrangeira; quais os países e organizações que nos dão auxílio, e que, apesar desta ajuda, devemos tanto quanto possível basearmo-nos nas nossas próprias forças.

A este respeito, nós salientamos que o sucesso da revolução depende dos esforços combinados de todos nós, ninguém pode ser dispensado, e assim o papel tradicionalmente «passivo» de mulher deve mudar, de modo que as suas capacidades possam ser utilizadas ao serviço da revolução. As mulheres são encorajadas a falar, a exprimirem a sua opinião nas reuniões, participarem nos Comitês, etc. Aqui nós somos

geralmente confrontados com a tarefa difícil de lutar contra velhos preconceitos, que dizem que as funções das mulheres são apenas cozinhar, tomar conta da casa, dos filhos, e pouco mais. E, precisamente, a nossa experiência provou que nós, mulheres podemos realizar este trabalho de mobilização e educação muito melhor do que os homens, por duas razões: Primeiro, é muito mais fácil para nós aproximarmos-nos das outras mulheres, e, segundo, os homens convencem-se mais facilmente do papel importante da mulher quando têm em frente deles mulheres militantes e capazes, que são o exemplo vivo daquilo que elas apregoam. Além disso, as nossas actividades dirigem-se também aos homens, e a presença de mulheres com armas é um elemento muito importante para a mobilização dos homens: eles ficam envergonhados e não se atrevem a recusar aquilo que as próprias mulheres estão a fazer.



Para podermos alcançar o nosso objectivo de sermos auto-suficientes nas áreas libertadas, nós explicamos ao nosso Povo que a produção agrícola deve ser aumentada, de modo a alimentar não só o povo mas também os guerrilheiros, dado que a tarefa principal dos guerrilheiros é lutar, e assim eles muitas vezes não têm tempo para produzir bastante para alimentar as suas bases. Nós necessitamos também de alimentar os nossos camaradas do avanço, onde a actividade militar é constante e a presença de tropas inimigas tornam muito difícil uma produção agrícola regular. Não se trata de convencer o povo a participar na guerra: isto não é necessário, todo o povo está pronto para lutar. Mas ele tem de ser explicado sobre as teses políticas e as implicações da revolução. E embora todos saibam que têm responsabilidade na revolução, precisam de ser orientados sobre qual o campo em que deverão trabalhar. Uma vez consciente da situação, o povo age sem hesitação. Além da sua acção na produção, o povo ajuda a transportar os feridos e doentes, a transportar material de guerra.

É o povo também, claro está, que fornece os elementos das nossas forças armadas.

Somando-se ao seu trabalho político, o Destacamento Feminino tem também grandes responsabilidades no campo da assistência social. Nós ajudamos e levamos conforto às famílias que perderam os seus parentes na guerra. Este é um trabalho extremamente delicado, que exige muita paciência. Também tomamos conta do orfanato da FRE-LIMO, que cuida não só dos órfãos, mas também das crianças que estão separadas dos pais devido à guerra. Algumas das nossas camaradas têm treinos de primeiros socorros e assim podem ajudar os enfermeiros nos Centros de Saúde. Muitas das nossas camaradas trabalham também no Departamento de Educação, no programa de instrução de adultos e nas escolas primárias para crianças. Aqui mais uma vez temos de vencer os preconceitos dos pais e maridos, que entendem que as mulheres não precisam de ir à escola. Mas pouco a pouco estamos a ganhar a batalha contra esses pais e maridos conservadores: eles estão a convencer-se de que uma mulher com instrução pode contribuir muito melhor para a revolução do que uma mulher ignorante. E como resultado, já temos muitas raparigas nas nossas escolas. Em algumas escolas são mulheres que ensinam — tanto às crianças como aos adultos. Vemos portanto que, além das suas funções estritamente militares, o Destacamento Feminino tem responsabilidades polí-

ticas importantes em dois níveis. Num primeiro nível, o Destacamento Feminino está encarregado da mobilização e educação do povo, com vista a aumentar a eficácia da sua participação na luta pelo desenvolvimento da sua compreensão política da guerra. Esta actividade nós realizamos em relação a toda a gente, homens e mulheres, muito embora a nossa acção seja particularmente eficiente em relação às mulheres, que os nossos camaradas do sexo masculino têm mais dificuldades em aproximar.

Uma vez conseguido isto, a nossa acção passa para segundo nível: o de encorajar o povo a participar ainda mais activamente, convidando-o a seguir o nosso exemplo, a deixar as suas casas e treinar-se como guerrilheiros, enfermeiros, professores, etc., desta maneira o tamanho do Destacamento Feminino aumentou consideravelmente desde aquele primeiro grupo de «experiência». E chegámos já ao ponto em que algumas dessas camaradas do primeiro grupo ganharam experiência e conhecimentos suficientes para serem elas próprias instrutoras



políticas e militares da sua própria unidade, e ajudaram os seus colegas homens, nas bases, a treinarem os elementos da população.

Na última reunião do Comité Central, em Abril de 1969, decidiu-se que a Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) deveria fundir-se completamente com o Destacamento Feminino. Nós estamos neste momento no processo de integrar no exército todas as actividades anteriormente realizadas pela LIFEMO. Durante a sua existência, a LIFEMO fez trabalho, mas o desenvolvimento da luta impõe que todos os esforços, todos os trabalhos estejam localizados no interior de Moçambique e, portanto sejam levados a cabo pelo Destacamento Feminino.



DIA 7

No dia 7

Morreu uma camarada que vai ficar insepulta
Que vai tornar o ar perfumado e morreu
Que vai dar sempre flor de coragem e está morta
Que era da família nossa e ninguém vai chorar
Que os camaradas sabiam importante, mas ela não
E vai ficar insepulta porque é um grande cadáver,
E não há terra suficiente para cavar esta sepultura
É assim mesmo
Quando alguém cresce até ao tamanho do Povo
Fica por enterrar porque é muito grande
O herói não tem sepultura

Mutimati Barnabé João

Tiragem: 3000 exemplares
Registado no INLD sob o n.º 0225/INLD/81
Composto e impresso na Imprensa Nacional

MAPUTO
República Popular de Moçambique
Abril de 1981

